

Não tem remédio, o jeito é esperar

Pacientes do pronto-socorro do Hospital Regional de Taguatinga aguardam na fila e do lado de fora pela consulta médica

Manhã de sol em Taguatinga. Encostados na parede, enfileirados, com crianças no colo e as pernas cansadas, dezenas de pacientes aguardam a chamada na porta do pronto-socorro do Hospital Regional de Taguatinga (HRT). Gente que chegou cedo e veio de longe. De cidades vizinhas, como Samambaia, e da região do Entorno, como Águas Lindas de Goiás (GO). Pacientes que sofrem com a gripe e a estiagem. A maioria, crianças. Preenchem a ficha e, depois, é esperar a chamada.

A estudante Elaine Nascimento, 16 anos, mãe de Milena, de três meses, conhece o drama de quem precisa dos serviços de emergência nos hospitais públicos. "Já vim aqui duas vezes, na semana passada, e não consegui a consulta", conta a estudante. Ontem, Elaine e a filha saíram cedo de casa. A expectativa era a de assegurar a consulta para a menina, que desde sábado sofre com o peito congestionado. "Acho que é bronquite. Tomara que consiga hoje. Até que não tem muita gente", resignou-se. Eram 10h20 e mãe e filha continuavam na fila, aguardando a hora da consulta.

Outra que levantou às 6h e veio de Samambaia, na esperança de conseguir atendimento médico para a filha - Vanessa, de oito anos -, foi a dona-de-casa Avaneide Quitéria. Com a ficha garantida cedo, Avaneide, 32 anos, esperava impaciente o momento de ser chamada. Vanila, caçula da família, com seis anos, ficou na casa da tia, para não perder um dia de aula.

Na última sexta-feira, a dona-de-casa Avaneide Quitéria tentou con-

sultar a filha Vanessa — com febre e sem apetite —, no posto de saúde da quadra 421, em Samambaia. Como não conseguiu vaga, ontem de manhã ela enfrentou a fila no pronto-socorro do Hospital Regional de Taguatinga. "Tentei até um remédio caseiro, com uma mistura de limão e mel, mas não teve jeito", contou Avaneide. "Se não for chamada até meio-dia, volto pra casa", completou.

Marleide Soares da Silva, de 30 anos, também desistiu da consulta no posto de saúde em Taguatinga Norte. "Demorou tanto, na semana passada. Aqui demora, mas a gente consegue", disse. A dona-de-casa chegou ao pronto-socorro do HRT mais tarde. Eram quase 9h e ela tratou de providenciar a ficha. Às 10h30, Marleide esperava a consulta do filho Leandro, de oito anos, que sentia dores na cabeça e no peito. A caçula, Ana Paula, de dois, estava bem de saúde e veio fazer companhia ao irmão.

URGÊNCIA

O chefe do pronto-socorro do Hospital Regional de Taguatinga, Rodrigo Avelar, reconhece a precariedade no atendimento aos pacientes do setor, que precisam aguardar do lado de fora, protegidos por um portão de grades verdes, até a hora da consulta. O sistema de atendimento mudou desde março. Antes, quem necessitava de atendimento ambulatorial e de emergência praticamente dividia o espaço na clínica de ortopedia, o que gerava desconforto. "A estrutura é para atender emergência mesmo. Se um paciente com infarto chega, ele é atendido na

hora, sem precisar ficar na fila", observa Avelar.

Segundo o médico, pediatria e clínica são as áreas de maior demanda no pronto-socorro do Hospital, com três plantonistas (pediatria) escalados por turno de atendimento. Se falta um, a situação se complica. Sem contar que os profissionais devem acompanhar os pacientes que estão nas enfermarias. Entre as alternativas para a melho-

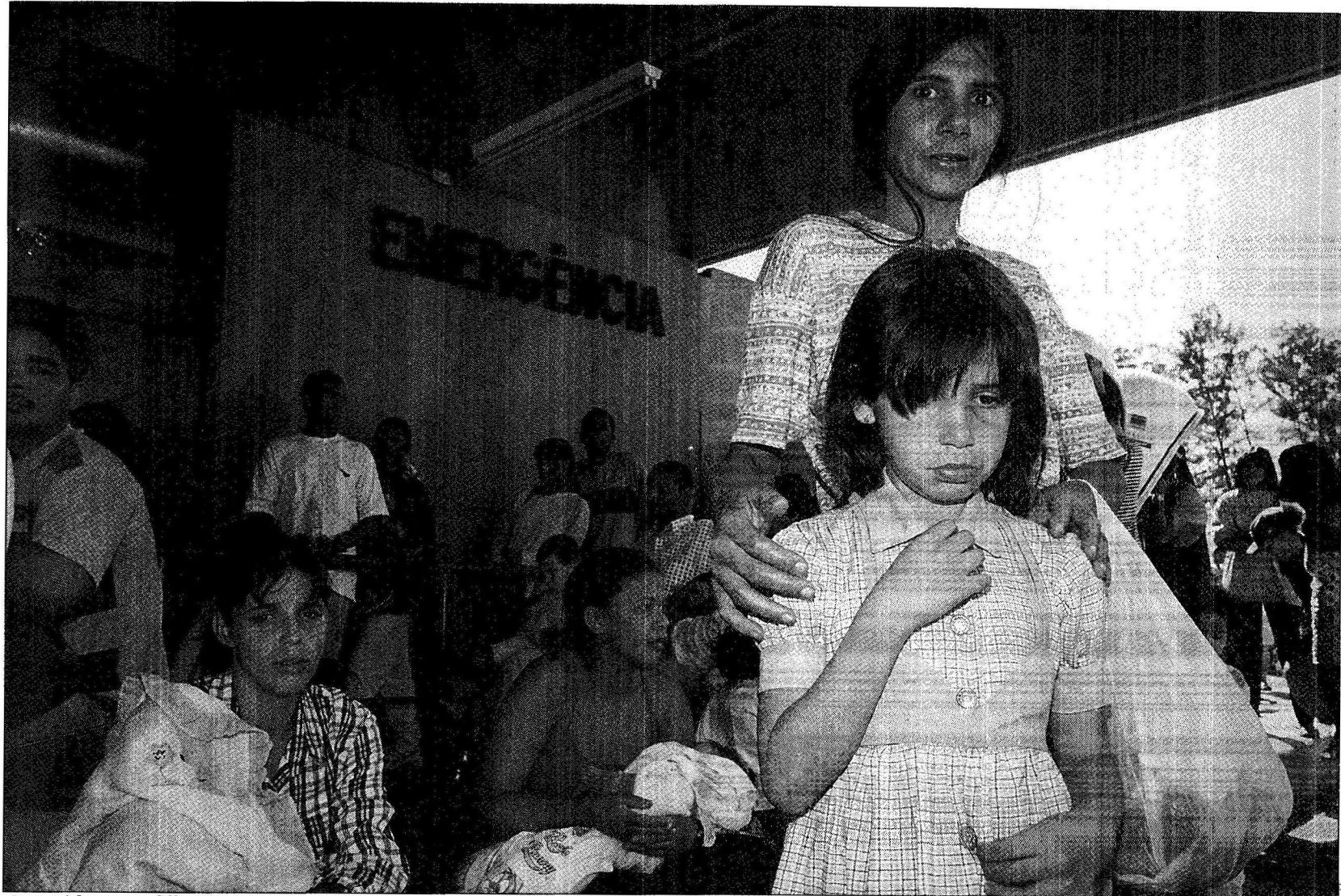
ria do atendimento no setor, Rodrigo Avelar cita a construção de outra unidade de emergência no HRT, mas falta verba, ou investimentos no atendimento primário. A última reforma no setor ocorreu em 1993. Somente nas áreas de ortopedia e clínica são atendidos, por mês, de seis a sete mil pacientes.

O secretário de Saúde do Distrito Federal, Jofran Frejat, informou que 245 médicos estão sendo contrata-

dos para o atendimento em postos e centros de saúde e nos hospitais, principalmente nas áreas de ortopedia e cardiologia. Conforme o secretário, o pronto-socorro transformou-se em um pronto-atendimento. "É preciso ter profissionais para que a população seja atendida nos postos e centros de saúde, transformando as emergências dos hospitais em setores razoáveis para se trabalhar", reforça Frejat.

O secretário disse ainda que há uma previsão de concurso para a contratação de 1.600 profissionais na área da saúde. Ele acredita que, com a construção do Hospital Regional de Samambaia, que deverá ter início este ano, a situação nas emergências melhore. Conforme o projeto, o Hospital de Samambaia deverá ter capacidade para 150 leitos, atendendo em diversas áreas, como clínica e ortopedia.

André Corrêa



Avaneide com a filha Vanessa, que estava febril: tentou ser atendida primeiro em Samambaia, mas não conseguiu e foi procurar tratamento no HRT